

Em busca da auto sustentabilidade

Entidade atende mais de 4 mil pessoas carentes em Parelheiros, região com o segundo pior IDH da cidade de São Paulo



Aline Bronzati

A principal dificuldade para as organizações não governamentais é a inconstância das doações de empresas e Pessoas Físicas. Conseguir recursos para se manter no cotidiano significa na maioria dos casos a própria sobrevivência. A Associação Beneficente Vivenda da Criança vive esta realidade diariamente. Tudo começou com um abrigo para meninos em situação de risco social, em 1989. Atualmente, a entidade atende mais de 4 mil pessoas carentes que vivem em Parelheiros, considerada a área mais pobre da periferia de São Paulo, extremo sul do município. A região abriga 180 mil habitantes, população maior do que as de Itu, Itapetininga, Jaú e Botucatu. A renda média das famílias com moradia regularizada em Parelheiros não chega a um salário mínimo. São 4,6 mil vagas na economia formal para uma população ativa de cerca de 80 mil pessoas. Além disso, somente 26% dos chefes de famílias têm o ensino fundamental completo e

apenas 17% dos domicílios são atendidos pela rede de esgoto. Parelheiros tem o segundo menor Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da cidade de São Paulo. Na comparação com o bairro do Morumbi, que tem o maior, a região precisaria de 167 anos de investimento contínuo para poder alcançar ao mesmo nível.

Hoje, a Vivenda da Criança proporciona oportunidades de aprendizado e conhecimento não só para crianças, mas para jovens e adultos. “O crédito da Vivenda da Criança é todo da irmã Ivone Venditti, que começou o projeto como uma casa abrigo numa região que realmente necessitava de assistência. Há pouco tempo, Parelheiros entrou na mídia. É um lugar que foi esquecido, mas que está voltando a ser pauta”, avalia o securitário e presidente da entidade, Francisco Márcio Pires da Silva.

Segundo ele, que também é assessor de assuntos estratégicos do Sindicato dos Corretores de Seguros de São Paulo (Sincor-SP), a casa abrigo funcionou 19 anos. O projeto só foi interrompido porque a irmã Ivone, com mais de 70 anos, voltou para a congregação das irmãs Felicianas, em Curitiba, e se aposentou. “Com a saída dela, o que a irmã e mais quatro funcionários faziam, foram necessárias 12 pessoas. E o custo ficou inviável”, lembra ele. A solução foi transformar a Vivenda da Criança em duas construções: Centro da Juventude e o Centro Profissionalizante. A Casa foi readap-

tada no ano passado. Os quartos viraram salas de aula, a copa e a cozinha foram transformadas em oficina de alimentos e a sala de televisão em sala de vídeo.

Atualmente, a Vivenda da Criança conta com uma gestão profissional e já está regulamentada em nível Federal, Estadual e Municipal. A instituição não tem dívidas e seu patrimônio é de aproximadamente R\$ 600 mil. “A maioria das entidades não está nesta condição. Isso significa dizer que o recibo que a Vivenda dá para a empresa doadora serve para benefício fiscal e imposto de renda”, explica Silva.

De acordo ele, embora a entidade possua doadores tradicionais – no setor de seguros, destacam-se a Ace Seguradora, a Pamcary e o Sindicato dos Securitários de São Paulo – a auto sustentabilidade é ideal para o desenvolvimento das associações sem fins lucrativos. “Com isso, as doações seriam destinadas para a ampliação da entidade e a criação de novos projetos”. Em alguns deles, a instituição tem apoio do Governo por conta de repasses da Prefeitura de São Paulo, que ajudam a custear a folha de pagamentos. No total são 40 funcionários diretos e dois prestadores de serviço.

A instituição ainda não está no estágio desejado, da auto sustentabilidade, até porque são poucas as entidades que encontram-se neste patamar, mas pretende alcançá-lo para não depender mais exclusivamente das doações. Além disso, os parceiros da entidade e quaisquer pessoas que queiram conhecer e visitar a entidade, podem ficar à vontade. Sua política é “Apareça sempre, e de preferência, sem avisar”.



Equipe coordenadora da Vivenda da Criança